

## RESENHA: CASA E LAR - A ESSÊNCIA DA ARQUITETURA DE JORGE MARÃO CARNIELO MIGUEL

Por: Fernanda Freitas de Oliveira Azevedo

Nesse contexto o autor apropria diversas denominações no percurso histórico, de lugares como sendo um espaço unifamiliar, que são espécies representativas da arquitetura, que é utilizável pelo ser humano, protegendo-o do meio ambiente. No entanto, somente a “casae” é que nos remete ao entendimento e noção da habitação privada.

Na verdade a casae, como espaço para a habitação privada é o resultado de uma evolução, vinda desde os primórdios, quando o seu conceito surge no Império Romano, significando cabana, tugúrio, choupana, de característica rural, mas que não tinha por significado a habitação urbana, ou de *domus*.

Porém, fatos ocorridos como, guerras, degradação das condições de vida, questões econômicas, etc. acabaram por depredar o domus, expandindo o quantitativo de casae de madeira e barro.

Segundo o autor, até o século X e mesmo depois, as únicas construções em alvenaria foram os castelos e igrejas que eram emergidas de forma soberbas, com estruturas firmes. Nesse aspecto distinguia-se domus como morada de Deus e casa como morada humana.

Adiante, o autor apresenta distinções entre o casa e lar, embora o seu entendimento possa consubstanciar um sentido sinônimo.

Segundo a literatura, a casa pode tomar diversos sentidos. De acordo com Miguel (2005), atualmente, tem-se

casa como um edifício ou parte dele destinado à habitação humana. Estar destinado representa aqui um objeto construído à espera de um uso familiar em que as relações do plano físico e a troca emotiva de seus moradores possam fazer da cada um lar.

Na realidade, a casa é por essência o refúgio familiar, abrigo de homens e mulheres, pais e filhos, patrões e empregados, família e indivíduos, ou seja, pode ser vista como um microcosmo privado sempre em confronto com um setor público.

Já o Lar, o sentido é diferenciado, pois representa a parte que compreende a lareira. A lareira primitiva que faz do seu fogo o elemento inseparável da cabana rústica. O lar é uma condição complexa que integra memórias, imagens, passado e presente, sendo um complexo de ritos pessoais e rotinas quotidianas que constitui o reflexo de seus habitantes, aí incluídos seus sonhos, esperanças e dramas. (Miguel, 2005)

A casa então é compreendida pela construção em si, vazia; enquanto o lar é sua composição com vitalidade oriunda de seus habitantes.

Às vezes confunde em parte os próprios enciclopedistas, como é o caso da Enciclopédia Britânica<sup>1</sup> (2005), que conceitua o lar como sendo: “Nome que designa a casa de habitação, o lugar onde se reúne a família. Primitivamente correspondia à parte da cozinha onde se acendia o fogo, a lareira”.

O fogo por sua vez, representado por Héstia, a deusa grega do lar – associa-se à casa para representar a criação de um lar, que através de sua chama traspassa a imagem da fertilidade e metáfora da vida, diz Miguel.

Nesses aspectos, compreende-se então, a casa no sentido individualizado e o lar no sentido coletivo. E, assim, a arquitetura associa-se à casa como protetora do fogo que aquece a família.

Casa: a essência da arquitetura:

Segundo os argumentos do autor e, diante do que diz Vitruvio em relação à essência da casa e, conseqüentemente, à essência da arquitetura, vale observar que:

Para Vitruvio a cabana primitiva e o fogo revelam-se inseparáveis. É o fogo o elemento protoarquitetônico, sendo a partir dele que a arquitetura nasce como mito, rito e consciência. “O sol e o fogo, criados para o fomento natural, fazem mais segura a vida”.

Com o Renascimento, a conceituação vitruviana dá lugar ao entendimento de Leon Batista Alberti, apud Miguel (2005), que concebe novo entendimento à arquitetura, considerando como princípio, o teto e a parede, o que eleger o homem como escala do seu espaço.

---

<sup>1</sup> Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

Nesse sentido a confecção da parede e do teto é o princípio da congregação (reunião) dos homens e não de proteção ao fogo.

Já Fliarete, associa as origens da cada à tradição cristão, elegendo Adão como primeiro arquiteto construtor da cabana rústica, depois de expulso do paraíso, protegendo-se do ambiente. Para ele a essência da arquitetura é representada por uma cabana cujo teto se apóia em troncos em forma de forquilhas, originando as colunas. Por outro lado, Alberti acreditava que as colunas não passavam de artifícios de embelezamento.

Em síntese, os escritos e desenhos que estabeleceram no período iluminista suscitaram discussões polêmicas que no fundo eram a interrogante da essência da arquitetura e do futura caminho que ela deveria trilhar repensando conceitos teóricos. (Miguel, 2005).

Uma das questões discutida seria a existência ou não, para a arquitetura, de regras naturais da arquitetura que culminasse numa obrigação complementar para os novos arquitetos da razão. Com o advento do descobrimento do continente americano, uma outra perspectiva, reafirma a hipótese da cabana primitiva como origem da arquitetura e. J. Caramuel a ilustra situando-a ao modelo dos índios americanos.

Não obstante, o tema da cabana se enfatiza entre os séculos XVII e XVIII. É quando Claude Perraut dissocia a construção como resposta a uma demanda imediata e a arquitetura como procedimento artístico. Por outro lado, o estabelecimento da criatividade contrapondo-se à arte imitativa, relega a idéia da teoria da origem da cabana primitiva, como princípio arquitetônico.

Michel de Frémin, por sua vez, apresenta uma preocupação relacionada aos aspectos construtivos e funcionais, para ele a origem da arquitetura associa-se à finalidade do seu uso.

Porém, o abade Marc-Antoine Laugier consegue codificar a teoria da cabana primitiva como base e lógica primitiva, advertindo ser a partis dela (da cabana) o desenvolvimento da coluna, do entablamento e do frontispício suprimindo os muros de fechamento.

No decurso histórico, Jaques-Francois Blondel, posiciona-se no sentido de imputar aos os homens que ao refugiarem-se contra a severidade das estações e dos animais, a utilização de materiais quando construíram choças e cabanas, utilizando-se de canas, ramos, folhas, barro. Na continuação do pensamento,

Blondel, adverte quanto ao surgimento dos espaços urbanos, em virtude do crescimento das famílias e, por conseguinte, do crescimento das habitações, que deu lugar à sociedade.

Vê-se daí, que as teorias criadas iam e vinham em busca de justificação do princípio arquitetônico.

Francesco Milizia, por exemplo, como o mais influente dos teóricos da arquitetura, retorna ao entendimento da teoria da imitação, respeitando a cabana primitiva como ponto de origem da arquitetura e enfatiza dois princípios da arquitetura referindo-se à natureza: o grego como imitação da cabana primitiva e o gótico como imitação do bosque.

Em suma, a grande maioria das teorias convergem para o entendimento da cabana primitiva como princípio e essência da arquitetura. Durante o século XX, por exemplo, verifica-se alguns arquitetos que buscam abordar esse tema, sempre enfatizando a cabana primitiva. Oscar Niemeyer é um dos que dá à essência da arquitetura a noção de cabana primitiva, mostrado em seu desenho intitulado “o abrigo”

Nesses aspectos, percebe-se que não se pode desconsiderar a cabana primitiva como sendo a essência da arquitetura, que a união da cabana e do fogo é símbolo indissolúvel da união dos homens, que em virtude das necessidades de abrigo e proteção, transforma o espaço fechado numa redoma protetora das agressividades naturais.

## **Referência**

MIGUEL, Jorge Marão Carnielo. **Casa e Lar: A essência da arquitetura.** Arqtextos – Periódico mensal de textos de arquitetura. Disponível em [www.vitruvius.com.br/arqtextos](http://www.vitruvius.com.br/arqtextos). Acessado em 12/04/2017.